
ENUNCIÇÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

A virtude das obsessões – ou: serventia das ideias fixas¹

Fernando Mendes Pessoa *

Resumo: Este texto provém da obsessão de, há anos, ler e reler o poema “Uma faca só lâmina”, de João Cabral de Melo Neto. Consiste em uma interpretação do poema, que visa compreender a própria poética de João Cabral, o seu “estilo das facas” - ou: o modo de ser da pedra.

Palavras-chave: poesia, faca, bala, relógio, pedra, cabra.

Abstract: *This paper comes from the obsession of, for years, reading and rereading the poem “A Knife All Blade”, by João Cabral de Melo Neto. It consists of an interpretation of the poem, which aims to understand João Cabral's own poetics, his “style of knives” - or: the stone way of being.*

Keywords: *poetry, knife, bullet, clock, stone, goat.*

Uma só virtude é mais virtude do que duas, porque é um nó mais forte ao qual se agarra o destino.

F. Nietzsche

Sobre o poema “Uma faca só lâmina” (MELO NETO, J. C., 1994, p. 203), João Cabral de Melo Neto disse, em entrevista para Antônio Carlos Secchin:

¹ Esse texto é parte integrante do livro *Corpo e faca em João Cabral de Melo Neto*, publicado pela Editora FCP, em 2021, como premiação do Governo do Estado do Pará – Fundação Cultural do Estado do Pará – Programa Seiva – Edital de Prêmios Literários 2017 – categoria ensaio.

* Professor Titular de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: pessoa.fm@gmail.com

Como estrutura de livro, *A educação pela pedra* é minha obra mais tensa. Como verso, *Uma faca só lâmina*. Vejo um caráter muito mais ético do que poético nesse poema. Falo da vantagem de se viver com uma obsessão, não importa qual: pode ser uma ideia política, o amor de uma mulher. A pessoa torna-se mais lúcida, mais criativa, mais capaz, se tem uma obsessão. Coloquei mais tarde o subtítulo – da serventia das ideias fixas – para facilitar a compreensão do texto (SECCHIN, A. C., 1985, p. 304).

Publicado inicialmente em *Duas águas*, o poema “Uma faca só lâmina” descreve o que Cabral chama de “estilo das facas” – ou o modo de ser da pedra. Em sua poética, faca e pedra possuem um sentido complementar, indicam a característica existencial de ser seco, duro, cortante – ou o modo de ser da cabra. Faca, pedra e cabra são substantivos que João Cabral transforma em adjetivos que caracterizam o estilo, o “modo de ser” da existência que se realiza em seu elemento essencial, mais mineral e nuclear, *tal no fundo da terra há pedra,/ no fundo da pedra, metal*.

A educação pela pedra é a sua obra mais tensa, “Uma faca só lâmina” o seu poema mais intenso, que tem como desdobramento ou repetição o “Poema(s) da cabra”². Pedra, faca e cabra são os substantivos (adjetivados) mais próprios da poética de João Cabral de Melo Neto, ideias fixas que caracterizam um modo de ser existencial, um “estilo de vida”.

Por preconizar o estilo das facas, “Uma faca só lâmina” possui um caráter ético: *fala da vantagem de se viver com uma obsessão* – ou da serventia das ideias fixas. Obsessão não é aqui nenhuma patologia psíquica, mania ou neurose psiquiátrica, nem algo diabólico, uma possessão do demônio, como determinam os dicionários e o senso comum. Obsessão indica aqui a decisão de assumir o compromisso que a tarefa de realizar uma obra demanda, retornando eternamente a esse mesmo projeto, à identidade de seu poder ser, com o cuidado de vir a ser cada vez mais própria e intensamente esse mesmo de sua identidade. A obsessão da decisão é o que promove o perfazer da obra, do que foi perfeito³; ela é a perseverança e a tenacidade de quem é pertinaz. No cuidado de viver algo obsessivamente

² Tanto “Uma faca só lâmina” como o “Poema(s) da cabra” possuem a mesma estrutura formal, ambos divididos em nove partes (na faca: em letras de A a I; na cabra: em números de 1 a 9) com o prólogo e o epílogo escritos em itálico, sendo que, no primeiro poema, cada parte possui oito estrofes, e, no segundo, quatro. Assim, além de repetir a temática cabralina, há também uma analogia formal que indica explicitamente uma relação entre esses dois poemas.

³ Cabe observar que perfeito não tem aqui a função de ser adjetivo de algo sem defeito, mas indica o participio passado do verbo perfazer – o que foi feito todo, completo, perfeito.

prospera o desenvolvimento e a intensificação da ação, a sua própria autossuperação originária. Na repetição do mesmo, a existência se intensifica, aperfeiçoa e amadurece, tornando-se cada vez mais apropriada, mais si mesma. Obsessão é, portanto, decisão, o compromisso que o homem estabelece consigo mesmo de colocar-se a comando para cumprir o que se abriu como tarefa: *pode ser uma ideia política ou o amor de uma mulher*.

O poema começa dizendo que uma bala enterrada no corpo o torna mais espesso, mais pesado. Espessar é densificar, o processo de tornar mais compacto, concentrado, vivo:

Porque é muito mais espessa
a vida que se desdobra
em mais vida,
como uma fruta
é mais espessa
que sua flor;
como a árvore
é mais espessa
que sua semente;
como a flor
é mais espessa
que sua árvore,
etc. etc.

(MELO NETO, J. C., 1994, p. 116).

A decisão de uma obsessão faz com que a vida se desdobre em mais vida, ela espessa a realidade tornando-a mais densa, concentrada, intensa, vital; o eterno retorno do mesmo promove a autossuperação que torna a realidade mais real, viva, essencial – como a semente que se transforma em árvore, que se transforma em flor, que se transforma em fruta, etc. etc. Em *Uma faca só lâmina*, Cabral apresenta essa dinâmica da obsessão com as imagens da bala, do relógio e da faca:

Assim como uma bala
enterrada no corpo,
fazendo mais espesso
um dos lados do morto;

assim como uma bala
do chumbo pesado,
no músculo de um homem

pesando-o mais de um lado
qual bala que tivesse
um vivo mecanismo,
bala que possuísse
um coração ativo

igual ao de um relógio
submerso em algum corpo,
ao de um relógio vivo
e também revoltoso,

relógio que tivesse
o gume de uma faca
e toda a impiedade
de lâmina azulada;

assim como uma faca
que sem bolso ou bainha
se transformasse em parte
de vossa anatomia;

qual uma faca íntima
ou faca de uso interno,
habitando num corpo
como o próprio esqueleto

de um homem que o tivesse,
e sempre, doloroso,
de homem que se ferisse
contra seus próprios ossos.

(MELO NETO, J. C., 1994, p. 205)⁴

Logo em seu início, o poema compara a bala, o relógio e a faca com as orações adverbiais: assim como, qual, igual. Por meio dessas comparações, tais imagens se complementam no propósito de descrever a realidade que as gerou, de indicar uma possibilidade existencial do homem, um modo de ser. A bala é o que espessa, o que concentra a existência e a torna compacta, densa, coesa – tem o ferro do chumbo, a sua mesma fibra compacta. O relógio é a bala com um mecanismo vivo, um coração ativo que pulsa dentro do corpo. Essa é outra ideia fixa de João Cabral, uma máquina de comover (*machine à émouvoir*) pulsando dentro do corpo, lhe incomodando de vida:

⁴ Como a maioria das citações deste ensaio são do poema “Uma faca só lâmina”, todas terão a mesma referência MELO NETO, J. C., 1994, p. 205-215.

Aquele rio
está na memória
como um cão vivo
dentro de uma sala.
Como um cão vivo
dentro de um bolso.
Como um cão vivo
debaixo dos lençóis,
debaixo da camisa,
da pele.

(MELO NETO, J. C., 1994, p. 114)

A bala viva do relógio debaixo da pele é igual ao gume de uma faca sem cabo nem bainha, só lâmina, que, transformando-se em parte de nossa anatomia, torna-se ossos do esqueleto, esporas que aguilhoam internamente o corpo à ação. Bala, relógio e faca são imagens que mostram o modo de ser denso, vivo e afiado de quem tem obsessão por suas ideias fixas: *A pessoa torna-se mais lúcida, mais criativa, mais capaz, se tem uma obsessão.*

Na parte final do poema, o seu epílogo, João Cabral faz o caminho de volta da metáfora à realidade: *de volta da faca se sobe à outra imagem, àquela de um relógio, e dela àquela outra, a primeira, a da bala, e daí à lembrança que vestiu tais imagens e, por fim, à realidade, prima.*

De volta dessa faca,
amiga ou inimiga,
que mais condensa o homem
quanto mais o mastiga;

de volta dessa faca
de porte tão secreto
que deve ser levada
como o oculto esqueleto;

da imagem em que mais
me detive, a da lâmina,
porque é de todas elas
certamente a mais ávida;

pois de volta da faca
se sobe à outra imagem,
àquela de um relógio

picando sob a carne,

e dela àquela outra,
a primeira, a da bala,
que tem o dente grosso
porém forte a dentada

e daí à lembrança
que vestiu tais imagens
e é muito mais intensa
do que pôde a linguagem,

e afinal à presença
da realidade, prima,
que gerou a lembrança
e ainda a gera, ainda,

por fim à realidade,
prima, e tão violenta
que ao tentar apreendê-la
toda imagem rebenta.

O poema termina mostrando o retorno de seu percurso. Esse caminho de volta reconduz a imagem à sua origem, mostrando que a sua força geradora é a lembrança da própria realidade, prima. As imagens são recordações de uma realidade primordial, elementar, originária, que é muito mais intensa do que pode a linguagem. Cabral se refere a uma experiência da realidade que não se mostra em imagens, que é tão violenta que, ao tentar apreendê-la, toda imagem rebenta. Embora não possam dar conta da completude dessa experiência, as imagens da bala, do relógio e da faca indicam essa possibilidade originária da realidade, elas são a sua lembrança.

A.

Seja bala, relógio,
ou a lâmina colérica,
é contudo uma ausência
o que esse homem leva.

Bala, relógio e faca não são coisas efetivas, realidades já determinadas, entes. Como características de um modo de ser, elas indicam possibilidades de realizações, aberturas

existenciais. Enquanto possibilidades existenciais, bala, relógio e faca precisam se efetuar no perfazer de uma ação; elas constituem a demanda do que é necessário para o homem tornar-se o que ele é numa apropriação de seu sentido de ser. A realidade disso que é possível se mostra sempre como tarefa, como o compromisso de resgatar e cumprir a possibilidade que se abriu como necessária para si mesmo. A decisão é obsessiva por sempre retomar o seu propósito, a fim de perfazer outra vez o seu sentido, num processo de intensificação e crescimento do mesmo – que, por ser originário, torna-se sempre outro. Assim, aquele que possui bala, relógio ou faca em seu próprio corpo traz consigo não algo dado, uma coisa pronta e acabada, mas a demanda de ter que realizar a sua possibilidade, de cumprir a tarefa necessária para tornar-se o que se é, uma ausência que incomoda com a presença do que não está:

Mas o que não está
nele está como bala:
tem o ferro do chumbo,
mesma fibra compacta.

Isso que não está
nele é como um relógio
pulsando em sua gaiola,
sem fadiga, sem ócios.

Isso que não está
nele está como a ciosa
presença de uma faca,
de qualquer faca nova.

A bala tem o ferro do chumbo, a sua fibra compacta que espessa e deixa o corpo do homem mais pesado, duro, maciço; o relógio possui o batimento cardíaco, a pulsão da vida que anima o corpo e o leva à ação, sem fadiga nem ócios; na faca há a avidez e a fome pelas coisas, a vontade de perfazer a ação com todo o cuidado possível, com o esmero da excelência. A ausência disso que não está é a pulsão compacta da fome pelas coisas, a obsessão da vontade que quer com consistência e determinação e, assim, luta obstinadamente pela conquista de seus propósitos, como a ciosa presença de uma faca.

Por isso é que o melhor
dos símbolos usados

é a lâmina cruel
(melhor se de Pasmado):

porque nenhum indica
essa ausência tão ávida
como a imagem da faca
que só tivesse lâmina,

nenhum melhor indica
aquela ausência sôfrega
que a imagem de uma faca
reduzida à sua boca,

que a imagem de uma faca
entregue inteiramente
à fome pelas coisas
que nas facas se sente.

Avidez e sofreguidão, lâmina e boca: a fome pelas coisas. Fome é vontade, interesse, obsessão pelas coisas – qualquer coisa, não importa qual. O poema fala da importância de se ter algo que demanda a vontade de modo elementar, próprio, a fim de o homem se dedicar com interesse na realização de si mesmo, de pôr-se em comando para cumprir com perfeição as demandas que se tornam necessárias para vir a ser o que ele é. A faca indica essa fome da vontade que se compromete inteiramente com o que quer e faz desse querer um poder. “Uma faca só lâmina” apresenta “a serventia das ideias fixas”, mostra a virtude das obsessões.

João Cabral de Melo Neto é um excelente exemplo desse modo de ser, pois ele é inteiramente obsessivo com a poesia, com a sua obra – o que podemos conferir, dentre muitos outros, no poema de abertura do livro *Escola das facas*: “O que se diz ao editor a propósito de poemas” (MELO NETO, J. C., 1994, p. 417):

Eis mais um livro (fio que o último)
de um incurável pernambucano;
se programam ainda publicá-lo,
digam-me, que com pouco o embalsamo.

E preciso logo embalsamá-lo:
enquanto ele me conviva, vivo,
está sujeito a cortes, enxertos:
terminará amputado do fígado,

terminará ganhando outro pâncreas;
e se o pulmão não pode outro estilo
(esta dicção de tosse e gagueira),
me esgota, vivo em mim, livro-umbigo.

Poema nenhum se autonomiza
no primeiro ditar-se, esboçado,
nem no construí-lo, nem no passar-se
a limpo do datilografá-lo.

Um poema é o que há de mais instável:
ele se multiplica e divide,
se pratica as quatro operações
enquanto em nós e de nós existe.

Um poema é sempre, como um câncer:
que química, cobalto, indivíduo
parou os pés desse potro solto?
Só o mumificá-lo, pô-lo em livro.

Em “O que se diz ao editor a propósito de poemas”, João Cabral revela como ele compõe o poema por meio do que, ao contrário da espontaneidade da inspiração, ele chamou de “trabalho de arte”: “O trabalho artístico é, aqui, a origem do próprio poema” (MELO NETO, J. C., 1994, p.733). O poema é uma construção constante, um trabalho obsessivo com as palavras, com a linguagem, que só acaba quando o editor o embalsama no livro, pois enquanto o poeta conviver com o poema vivo, ele nunca fica inteiramente acabado, está sujeito a cortes, enxertos, diversas operações: me esgota, vivo em mim, livro-umbigo. João Cabral é tão obsessivo com a possibilidade de construção de seus poemas que, mesmo depois de os publicar (embalsamar, mumificar) em livro, ele ainda compõe coletâneas e antologias combinando seus poemas em outras ordens⁵.

Na obsessão de João Cabral, um poema é o que há de mais instável, o que não se autonomiza no primeiro esboço do escrever, nem no passar a limpo do datilografar:

⁵ Por exemplo: *Duas águas*, coletânea que Cabral dividiu em poemas para serem lidos em voz alta, e poemas para serem meditados em silêncio; *Poesia Crítica*, antologia que “reúne os poemas em que o autor tomou como assunto a criação poética e a obra ou a personalidade de criadores, poetas ou não”; *Poemas pernambucanos*, só com poemas sobre Pernambuco, etc.

enquanto existe vivo, ele se adiciona e se subtrai, se multiplica e se divide: um poema é sempre como um câncer ou um potro.

Sua obsessão pelo trabalho de arte não se esgota na composição de seus poemas, mas se expande na concepção do próprio livro. Em entrevista a José Carlos de Vasconcelos, João Cabral de Melo Neto afirmou sobre *Educação pela pedra*, a sua obra “mais tensa”:

Quis construir todo o livro estruturado num dualismo. Aliás, ele esteve por se chamar *O duplo ou a metade*. Assim, a obra compõe-se de 48 poemas: metade deles são sobre Pernambuco, a outra metade não; metade dos poemas têm 24 versos, a outra metade 16; metade dos poemas são simétricos, os outros são assimétricos; metade dos poemas associam-se, aglutinam-se, outra metade repelem-se; e por aí afora... (ATHAYDE, 1998, p. 114).

Em diversas entrevistas, Cabral confessa que se impunha dificuldades, regras para a construção dos poemas, dos seus livros: *eu procuro me criar dificuldades*⁶. Sua obsessão com o trabalho de composição do poema é tão grande que ele é capaz de passar anos mexendo no poema: “Por exemplo, o meu poema ‘Tecendo a manhã’, que parece muito espontâneo, levou dez anos a escrever” (ATHAYDE, 1998, p. 70).

A obsessão pelas formas da linguagem, pela possibilidade de suas composições, constitui a característica fundamental da poética de João Cabral de Melo Neto, a sua maior ideia fixa.

B.

Das mais surpreendentes
é a vida de tal faca:
faca, ou qualquer metáfora,
pode ser cultivada.

⁶ Resposta a Carlito Carvalhosa, *34 Letras*, Rio de Janeiro, nº 3, mar. 1989. No poema de abertura de sua obra *Agrestes*, dedicado a Augusto de Campos, Cabral revela: Você aqui encontrará/ as mesmas coisas e loisas/ que me fazem escrever/ tanto e de tão poucas coisas:/ o pouco-verso de oito sílabas/ (em linha vizinha à prosa)/ que raro tem oito sílabas,/ pois metrifica à sua volta;/ a perdida rima toante/ que apaga o verso e não soa,/ que o faz andar pé no chão/ pelos aceiros da prosa.

Surpreendente é o que causa surpresa, admiração, algo maravilhoso, extraordinário. A vida dessa faca, relógio ou bala é surpreendente porque ela se mede pelo avesso: Medra não do que come/ porém do que jejua:

a lâmina despida
que cresce ao se gastar,
que quanto menos dorme
quanto menos sono há,

cujo muito cortar
lhe aumenta mais o corte
e se vive a se parir
em outras, como fonte.

Igual a um deserto, que se cultiva como um pomar às avessas, a faca viceja e se anima com o gastar de seu uso: quanto mais corta, mais afiada fica; quanto menos dorme, menos sono tem; cresce não do que come, mas do que jejua. Por ter o vigor da origem, a faca vive a se parir em outras, como fonte nascente. A faca só lâmina tem fome, quer brotar, crescer, vicejar, viver; não se poupa no cabo de madeira, nem se esconde no dentro de uma bainha. A faca é só lâmina, toda exposta ao seu fio, à dádiva do corte. Obsessiva, a faca tem a virtude dadivosa de fazer do pouco, muito; do menos, mais; do vazio, cheio. Nonada.

Do nada ela destila
a azia e o vinagre
e mais estratégias
privativos dos sabres.

C.

Cuidado com o objeto,
com o objeto cuidado,
D.

Pois essa faca às vezes
por si mesma se apaga.

Em C e D, o poema fala da necessidade de se cuidar da faca, à medida que há sempre o risco de ela se apagar, do que se chama de maré-baixa da faca, ou de qualquer metáfora que pode ser cultivada. Como estilo ou modo de ser da vida, a faca, o relógio e a bala estão necessariamente na possibilidade de perderem o seu vigor e decair – assim, como a decadência é constitutiva do que é vivo, é necessário cuidar, cadenciar:

Cuidado com o objeto,
com o objeto cuidado,
mesmo sendo uma bala
desse chumbo ferrado,

porque seus dentes já
a bala os traz rombudos
e com facilidade
se embotam mais no músculo.

Embora não tenha como evitar a decadência da vida, é necessário cuidar de sua vitalidade para ela não ficar rombuda e embotada, obtusa e estúpida. Se a bala significa a fibra compacta do chumbo, a sua decadência é o linho de algodão, espuma, bolha de sabão – bala de couro ou de pano, dentes que não mordem mais nada. Ao contrário do espessamento e peso da bala, na dispersão do rarefeito cotidiano, a ação se desfaz na modorra da apatia e tudo se torna vão, lassidão e tédio. O automatismo do hábito anestesia a existência, promovendo a sua decadência.

Mais cuidado porém
quando for um relógio
com o seu coração
aceso e espasmódico.

É preciso cuidado
por que não seacompanhe
o pulso do relógio
com o pulso do sangue,

e seu cobre tão nítido
não confunda a passada
com o sangue que bate
já sem morder mais nada.

O sangue não morde mais nada quando o coração, antes aceso e espasmódico, perde o ritmo, tropeça e, confundindo o compasso do pulso do relógio com o pulso do sangue, já não mais desperta, nem incomoda, torna-se acalanto que adormece. Ao contrário da máquina que pulsa sem fadiga e sem ócio, o relógio que se descompassa na decadência de seu ritmo dá sono, faz dormir.

Então se for faca,
maior seja o cuidado:
a bainha do corpo
pode absorver o aço.

Também seu corte às vezes
tende a tornar-se rouco
e há casos em que ferros
degeneram em couro.

O importante é que a faca
o seu ardor não perca
e tampouco a corrompa
o cabo de madeira.

O risco da faca só lâmina está no que da faca não é a sua lâmina: a madeira do cabo e o couro da bainha: uma faca só cabo, faca só bainha. A absorção do aço da faca pela bainha do corpo esmorece a sua dureza, desmancha a sua rigidez: o ferro se degenera em couro, fica mole, fica rouco. Assim degenerada, a faca perde a sua fome pelas coisas, se desinteressa de si mesma e fica sem vontade de fazer o que quer que seja, negaceia e procrastina. Diante deste risco constitutivo, é preciso cuidado para a faca não perder o seu ardor, corrompendo o fio de sua lâmina; a faca necessita sempre de cuidado para não se degenerar em couro de bainha, nem se corromper no cabo de madeira, o cuidado de não perder nem o fio, nem a contundência das facas que são só lâmina.

D.

Pois essa faca às vezes
por si mesma se apaga.
É a isso que se chama
maré-baixa da faca.

Talvez que não se apague
e somente adormeça.
Se a imagem é relógio,
a sua abelha cessa.

Adormecer e apagar são próprios da vida, por si mesma, não há como evitar – apenas cuidar: *Não é para falar e agir dormindo*. O cuidado não extingue o sono, mas sabe quando e como adormecer, sabe quando e como acender. Cuidar é estar de prontidão, compreendendo que, a qualquer momento, a faca pode se apagar, e o relógio, a sua abelha cessar. Toda cadência traz consigo a sua própria decadência, à medida que *surgimento já tende ao encobrimento* e, assim, *quem acha vive se perdendo*. Cuidar é saber que está perdido, encoberto, precisando se achar. O risco do descuido consiste em, ao dormir ou apagar, já não mais compreender a própria perda e, sem necessidade de se procurar, não mais se encontrar – deixar a alma se tornar alcalina:

Mas quer durma ou se apague:
ao calar tal motor,
a alma inteira se torna
de um alcalino teor

bem semelhante à neutra
substância, quase feltro,
que é a das almas que não
têm facas-esqueleto.

E a espada dessa lâmina,
sua chama antes acesa,
e o relógio nervoso
e a tal bala indigesta,

tudo segue o processo
de lâmina que cega:
faz-se faca, relógio
ou bala de madeira,

bala de couro ou pano,
ou relógio de breu,
faz-se faca sem vértebras,
faca de argila ou mel.

Em sua maré-baixa, quando a alma se torna alcalina e a sua chama se apaga, o chumbo da bala se transforma em madeira, couro ou pano, perdendo a densidade de sua consistência e a resistência de sua solidez. O relógio cessa a sua abelha, para de pulsar sem fadiga nem ócios, calando a vitalidade de seu motor – e torna-se breu, seja a resina que gruda e calafeta, seja a escuridão que vela e oculta. A lâmina da faca fica cega e não corta mais nada, torna-se feltro, argila ou mel, fica sem vértebras: tudo segue o processo de lâmina que cega: faz-se faca, relógio ou bala de madeira. Em C e D, o poema fala da necessidade de se cuidar da faca, à medida que ela não está nunca segura e já determinada como algo, um ente, mas é um modo de ser existencial que, por trazer consigo o seu próprio poder ser, precisa sempre ser exercido, cumprido em sua possibilidade, podendo, assim, se encontrar ou se perder no que faz, ser numa apropriação de si mesmo na destinação de uma história que faz de todo foi assim, um assim eu quis, quero e hei de querer, ou ser numa alienação de si, fragmentado na dispersão do tempo. A cegueira da faca consiste na ausência de alguma obsessão que amarre e encaminhe o destino em um mesmo sentido, ela é o que faz a vida ser um fragmento, um enigma e um cruel acaso. Por isso é necessário cuidar: cuidado com o objeto, com o objeto cuidado; pois essa faca às vezes por si mesma se apaga.

(Porém quando a maré
já nem se espera mais,
eis que a faca ressurge
com todos seus cristais.)

A parte D do poema, que junto com a C mostram a necessidade de cuidar da bala, do relógio e da faca diante do risco da decadência, termina indicando como é também possível à faca o contrário que reverte a sua maré baixa e a faz ressurgir com toda a luz de sua lâmina. Se a cadência pode sucumbir na decadência, o contrário é também possível e a decadência retornar à sua cadência: o chumbo da bala volta a ser espesso e compacto, o pulso do relógio retoma o ritmo de seu coração ativo, de sua abelha sem fadiga nem ócios, a faca volta a ser só lâmina, entregue inteiramente à fome pelas coisas, desperta e impetuosa.

E.

Forçoso é conservar
a faca bem oculta
pois na umidade pouco
seu relâmpago dura

(na umidade que criam
salivas de conversas,
tanto mais pegajosas
quanto mais confidências).

Forçoso é esse cuidado
mesmo se não é faca
a brasa que te habita
e sim relógio ou bala.

Não suportam também
todas as atmosferas:
sua carne selvagem
quer câmaras severas.

Mas se deves sacá-los
para melhor sofrê-los,
que seja em algum páramo
ou agreste de ar aberto.

Mas nunca seja ao ar
que pássaros habitem.
Deve ser a um ar duro,
sem sombra e sem vertigem.

E nunca seja à noite,
que esta tem as mãos férteis.
Aos ácidos do sol
seja, ao sol do Nordeste,

à febre desse sol
que faz de arame as ervas,
que faz de esponja o vento
e faz de sede a terra.

Após alertar para a necessidade de cuidar da bala, do relógio e da faca, João Cabral nos ensina como cuidar: forçoso é conservar a faca bem oculta. Essa ocultação consiste no

pudor que se deve ter com facas, a reserva de não tornar público o que é próprio, singular e fundamental. Devemos guardar pudor do que nos é essencial, a fim de não o perder em conversas confidenciais, na umidade pegajosa das salivas curiosas e tagarelas. A tagarelice cotidiana promove a ambiguidade do que é dito, transforma tudo que é originário em banalidade, torna tudo público, impessoal e decadente. O falatório público das opiniões promove ferrugem, degradação e perda de si mesmo, rouba a história – sua carne selvagem quer câmaras severas. O poema alerta para a necessidade de preservar oculto o que é mais próprio, essencial, sem deixar que se derrame a flor que traz escondida. Se for necessário revelar, que seja em algum páramo ou agreste de ar aberto, no longe da solidão, num ar duro, sem sombra nem vertigem, no sol do Nordeste ao meio-dia. Diante do risco de decadência da faca, do relógio e da bala, o poema alerta para a necessidade de cuidar: *Forçoso é esse cuidado.*

F.

Quer seja aquela bala
ou outra qualquer imagem,
seja mesmo um relógio
a ferida que guarde,

ou ainda uma faca
que só tivesse lâmina,
de todas as imagens
a mais voraz e gráfica,

ninguém do próprio corpo
poderá retirá-la,
não importa se é bala
nem se é relógio ou faca,

nem importa qual seja
a raça dessa lâmina:
faca mansa de mesa,
feroz pernambucana.

A faca pode sair de sua maré baixa porque, mesmo adormecendo ou se apagando no encobrimento, ela é uma possibilidade constitutiva da existência, essencial: ninguém do próprio corpo pode retirá-la, menos pode arrancá-la nenhuma mão vizinha. Não importa qual, seja a faca mansa de mesa ou a feroz pernambucana, todos que possuem o estilo das

facas trazem consigo a possibilidade de despertar a sua lâmina e deixá-la ressurgir em todos os seus cristais. Quem tem no próprio corpo faca no esqueleto, está sempre na possibilidade de ser por ela aguilhoado e, de novo, atizado por sua fome.

E se não a retira
quem sofre sua rapina,
menos pode arrancá-la
nenhuma mão vizinha.

Não pode contra ela
a inteira medicina
de facas numerais
e aritméticas pinças.

Nem ainda a polícia
com seus cirurgiões
e até nem mesmo o tempo
como os seus algodões.

E nem a mão de quem
sem o saber plantou
bala, relógio ou faca,
imagens de furor.

Aquele que, mesmo sem saber, plantou bala, relógio ou faca está fadado, destinado a esse seu modo de ser; nem ele nem ninguém, nem a medicina e nem a polícia com seus cirurgiões, nem o tempo e nem a mão, nada pode contra ela, que, latente, pode de repente se desvelar em todo seu esplendor. O ressurgimento da faca corresponde ao fenômeno de desobstrução do que encobria a sua lâmina, do despertar do corpo esquecido de si, alienado, mole e largado, que retoma o projeto de sua decisão, o seu compromisso de liberdade, e reassume a tarefa de cuidar de si mesmo, de cumprir a possibilidade que se abriu como necessária. Quando já nem se espera mais, eis que a faca ressurgiu com todos os seus cristais.

G.

Essa bala que um homem
leva às vezes na carne
faz menos rarefeito

todo aquele que a guarde.

O que um relógio implica
por indócil e inseto,
encerrado no corpo
faz este mais desperto.

E se é faca a metáfora
do que leva no músculo,
facas dentro de um homem
dão-lhe maior impulso.

Pelo próprio elemento de seu material, a bala condensa, espessa, concentra: tem o ferro do chumbo, a sua fibra compacta. Esta condensação de quem leva bala na carne desfaz a fragmentação da vida rarefeita, alienada na constante dispersão de si, e concentra, espessa e unifica a propriedade de um sentido ao que é fragmento, enigma e cruel acaso – decide! Decidir é assumir a tarefa de vir a ser o seu próprio ser, repetindo o sido no porvir, é o que reúne a temporalidade em um sentido de ser, costurando a história e alinhavando o destino. A decisão não negaceia nem procrastina, mas está sempre disposta no instante de seu acontecimento, pronto para realizar a possibilidade que se abriu como necessária para si mesma. Decidir não é escolha ou arbítrio, nenhuma volição do sujeito, mas, antes, a assunção do que se é, o *amor fati*, que, como indicado acima, faz de todo foi assim um assim eu quis, quero e hei de querer.

O relógio é o que desperta e coloca em estado de vigília, alerta. Como uma máquina interna, o relógio é coração que bombeia o corpo de vida, promovendo circulação da força, disposição de ânimo, vitalidade. Ao circular a força, a bomba do relógio revitaliza a disposição de cumprir o seu acontecimento com interesse, esforço e dedicação. Em seu incansável batimento, o relógio é o que organiza o tempo, promovendo a sua permanente renovação, abertura. Enquanto a bala faz o homem menos rarefeito, o relógio o faz mais desperto.

A faca é só lâmina, o seu gume, seu corte afiado, no sentido de agudeza, argúcia, esperteza, inteligência, percepção, sagacidade, tino, voracidade, vivacidade. A faca é a fome pelas coisas, uma boca ávida, sôfrega e insaciável. A faca é a espora da existência, aguilhão que atíça o homem a realizar a sua possibilidade com interesse, a dedicar-se ao

compromisso de vir a ser o seu próprio ser, de fazer-se a si mesmo com esmero e excelência.

O fio de uma faca
mordendo o corpo humano,
de outro corpo ou punhal
tal corpo vai armando,

pois lhe mantendo vivas
todas as molas da alma
dá-lhes ímpeto de lâmina
e cio de arma branca,

além de ter o corpo
que a guarda crispado,
insolúvel no sono
e em tudo quanto é vago,

O fio da faca morde o corpo mantendo viva a sua disposição, as molas da alma, o ânimo de vida, dá-lhe ímpeto de lâmina e cio de arma branca, desejo (fome pelas coisas) e fecundidade (criação). Essa fome de criação mantém o corpo encrespado, sempre na prontidão de sua possibilidade originária, insolúvel no sono e em tudo quanto é vago. Faca é concentração, a doação total ao acontecimento que promove a perseverança no que faz, interesse, dedicação e esmero, persistência e tenacidade.

como naquela história
por alguém referida
de um homem que se fez
memória tão ativa

que pôde conservar
treze anos na palma
o peso de uma mão,
feminina, apertada.

“Uma faca só lâmina” chega a seu clímax, quando o poema se volta para a própria atividade poética e fala do ofício daqueles que lidam com palavras⁷. Essa é uma das características essenciais da poética de João Cabral, a metapoesia como poesia crítica, aquela que retorna sobre si mesma para refletir o próprio fazer poético.

H.

Quando aquele que os sofre
trabalha com palavras,
são úteis o relógio,
a bala e, mais, a faca.

A atividade poética é o ofício que trabalha com o que, embora seja o que nos é mais próximo, está mais distante do homem: a linguagem. Conforme a antiga determinação *zôon lógon échon*, a linguagem constitui a própria essência do homem, e por isso é o que é mais próximo, simples e apropriado. Todavia, pelo espontâneo e imperceptível descuido com o que é mais familiar e habitual, cotidianamente o homem tem uma tendência de falar sem compreender o que diz e nem como diz, de falar sem nenhum cuidado com a linguagem, de tagarelar. O falatório cotidiano se distrai com as palavras, não pensa o que diz e tudo se torna ambíguo e opaco. Assim, pelo poder desse esquecimento do habitual falatório cotidiano, quem trabalha com palavras precisa tanto do chumbo compacto da bala, como do coração ativo do relógio e, mais, do gume afiado de uma faca só lâmina.

Os homens que em geral
lidam nessa oficina
têm no almoxarifado
só palavras extintas:

umas que se asfixiam
por debaixo do pó
outras despercebidas
em meio a grandes nós;
palavras que perderam
no uso todo o metal
e a areia que detém
a atenção que lê mal.

⁷ Cabe notar que João Cabral selecionou esta seção H do poema “Uma faca só lâmina” em sua antologia *Poesia crítica*.

Cabral começa exatamente indicando a dificuldade desse ofício porque, com o uso e abuso do falatório, tais como as moedas perdem as suas efigies, as palavras perderam todo o seu metal, obscurecendo os seus significados. O poeta é aquele que, cuidando das palavras, lhes restitui o seu brilho original. O ofício do poeta é revigorar a linguagem, salvando as palavras da extinção: *a poesia é para dar a ver o mundo*. Pela dignidade e dificuldade de seu trabalho, o poeta, mais do que em qualquer outro ofício, precisa de uma faca só lâmina.

Pois somente essa faca
dará a tal operário
olhos mais frescos para
o seu vocabulário

e somente essa faca
e o exemplo de seu dente
lhe ensinará a obter
de um material doente

o que em todas as facas
é a melhor qualidade:
a agudeza feroz,
certa eletricidade,

mais a violência limpa
que elas têm, tão exatas,
o gosto do deserto,
o estilo das facas.

Para ter olhos mais frescos para o seu vocabulário, o poeta precisa ter o modo de ser da faca, o seu corte afiado, a sua avidez e fome pelas coisas – precisa da obsessão de uma faca que seja só lâmina. Além do corte, que deixa os olhos mais afiados, a faca tem também a sua ponta que morde, o seu dente agudo e feroz. O estilo das facas possui o gosto do deserto, tem a claridade de sua luz, é seco e elétrico, limpo e exato. Esse modo de ser da faca é necessário para o poeta retirar vida, criação e poesia de palavras doentes, opacas e extintas e, assim, salvar a linguagem.

A linguagem não é uma coisa pronta, um objeto acabado, mas uma dinâmica que vigora no acontecimento da fala – seja ela oral, escrita, musical, visual... A linguagem é verbo, o que se faz na e como ação. A poesia salva a linguagem na medida em que,

realizando a sua possibilidade originária de ser experiência de criação, recorda o homem da necessidade de cuidar da linguagem, não deixando que o sentido das palavras se perca no esquecimento do habitual falatório cotidiano. Poesia recorda origem e a origem acorda o homem.

Não é para se falar e agir dormindo.
Heráclito

I.

Essa lâmina adversa,
como o relógio ou a bala,
se torna mais alerta
todo aquele que a guarda,

sabe acordar também
os objetos em torno
e até os próprios líquidos
podem adquirir ossos.

Ao despertar do esquecimento com a recordação de origem, o homem fica mais alerta, presente em sua presença, atento com o seu próprio ser. Assim, acorda também os objetos em torno, pois, com a intensificação de sua concentração, as coisas aparecem no interesse do sentido, ganham o brilho de sua intensidade. Na concentração originária da criação, todo ente se torna mais ente, tudo que está sendo torna-se mais pleno, mais presente, espesso – e até os líquidos podem adquirir ossos. Essa é a questão fundamental da poética de João Cabral de Melo Neto: como o que é líquido, fugaz e etéreo pode adquirir ossos, ganhar consistência e tornar-se pedra. Cabral nos fala de uma educação pela pedra, na qual o homem ganha resistência, dureza, perseverança, tenacidade e vira cabra. A poesia de João Cabral nos fala do seco elementar, o essencial da existência, que é a possibilidade de espessar a presença, estando completamente presente em sua presença, desperto em seu acontecimento.

E tudo o que era vago,

toda frouxa matéria,
para quem sofre a faca
ganha nervos, arestas.

Em volta tudo ganha
a vida mais intensa,
com nitidez de agulha
e presença de vespa.

Quem sofre a faca está todo presente em sua presença, não há nada vago ou frouxo, distante e desinteressado. Por isso, ao contrário do alienado hábito familiar, tudo ganha nervos, arestas: em volta tudo ganha a vida mais intensa. O homem não é algo autônomo e solipsista, um sujeito autoconsistente em seu eu, mas sempre vive numa situação do mundo, imerso em seu ao redor, na conjuntura de sua circunstância. Portanto, a intensidade de quem sofre a faca não está circunscrita em um eu, mas se irradia em todas as coisas, tornando tudo mais intenso, espesso e límpido: com nitidez de agulha e presença de vespa.

Em cada coisa o lado
que corta se revela,
e elas que pareciam
redondas como a cera

despem-se agora do
caloso da rotina,
pondo-se a funcionar
com todas suas quinas.

A faca retira o calo da rotina, desperta o homem para ser o seu próprio ser, no sentido do poder ser presente em sua presença, sem deixar que o hábito do cotidiano e o automatismo de sua rotina criem calos que impedem de perceber o extraordinário de sua própria situação. A familiaridade do habitual deixa as coisas redondas como a cera. Ao retirar o calo da rotina, a faca derrete essa cera e deixa tudo aparecer em seu lado que corta, mostrando todas as suas quinas.

Pois entre tantas coisas
que também já não dormem,
o homem a quem a faca
corta e empresta seu corte,

sofrendo aquela lâmina
e seu jato tão frio,
passa, lúcido e insone,
vai fio contra fios.

O homem que sofre da faca não fala nem age dormindo, à medida que está todo presente em sua presença, ligado em seu acontecimento. João Cabral é avesso ao sono, ao que faz dormir, entorpecendo a existência com a modorra da apatia e a lassidão do tédio. “Uma faca só lâmina” fala do modo de ser contrário ao sono de quem está ausente de sua situação, indica a possibilidade de existir lúcido e insone, percebendo todas as arestas das coisas que o cercam, todas as quinas de cada circunstância. O que promove esse modo de ser da bala, do relógio e da faca é a virtude de o homem ter uma obsessão que demanda todo o seu ser, que promove o interesse de desempenhar plenamente o que faz, de ser todo, inteiro e completo em sua presença, se dedicando com afínco e perseverança em sua realização: “A pessoa torna-se mais lúcida, mais criativa, mais capaz, se tem uma obsessão.”

“Uma faca só lâmina” nos fala da virtude das obsessões - ou *serventia das ideias fixas*.

Referências bibliográficas

- ATHAYDE, Félix de. *Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: FBN; Mogi da Cruzes, SP: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.
- MELO NETO, João Cabral. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MELO NETO, João Cabral e outros. “João Cabral de Melo Neto”. In: *34 Letras*. Rio de Janeiro, nº 3, março de 1989.
- SECCHIN, Antônio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos*. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

Recebido em: setembro de 2021
Aprovado em: outubro de 2021